

opusdei.org

Vídeo do Prelado do Opus Dei em Valência e Múrcia

De 8 a 12 de junho, Mons. Fernando Ocáriz participou em encontros com diferentes grupos de pessoas – famílias, jovens, membros do Opus Dei e amigos – em Valência e em Múrcia.

20/06/2023

- Valência, 8-10 de junho
- Múrcia, 11 de junho

Álbum de fotografias (Flickr)

Valência, 8-10 de junho

No dia 8 de junho, Valência recebeu com os braços abertos Mons. Ocáriz, que pela primeira vez visitava esta cidade do leste de Espanha como Prelado do Opus Dei.

Chegou ao fim da tarde e alojou-se em La Lloma, uma casa de retiros localizada a poucos quilómetros da cidade. S. Josemaria esteve aí em distintas ocasiões. Deixou recordações inesquecíveis das catequeses de 1972, das tertúlias e das suas palavras de alento para todos.

Nos dias em que o Prelado esteve em Valência, recebeu demonstrações de

afeto enviadas desde todos os lugares que compõem a delegação do Opus Dei de Aragão e Levante. Desde Huesca até Cartagena, passando por Saragoça, Teruel, Valência, Castellón, Alicante, Ilhas Baleares, Albacete e Múrcia. E pôde cumprimentar, em tertúlias familiares ou em pequenos encontros, distintos grupos de famílias, de gente jovem e de pessoas mais velhas, de sacerdotes, etc.

Sexta-feira, dia 9, começava uma intensa jornada, que se prolongará até segunda-feira, dia 12. O Prelado do Opus Dei quis que a primeira visita da sua estadia em Valência fosse para saudar ao recém-nomeado Arcebispo metropolitano, Monsenhor Enrique Benavent.

Imediatamente depois, tal como fez S. Josemaria na primeira vez que viajou a Valência em 1936, foi rezar à Virgem dos Desamparados, padroeira de Valência, para colocar

sob o seu amparo o trabalho que vai levar a cabo nestes dias.

Acompanharam-no o reitor da basílica, que organizou a visita de modo que Mons. Ocáriz pudesse beijar a imagem e venerá-la no seu camarim. Rezou diante da “*Mare de Déu*”, especialmente visitada durante estes dias em que se celebra o centenário da sua Coroação e o fim de um ano jubilar mariano.

Teve vários encontros com jovens que recebem formação cristã nos centros da Obra. Em todos eles falou da necessidade de transformar em vida tudo o que aprendem, para o poderem transmitir aos outros. Às várias questões que lhe foram colocadas, respondeu insistindo na necessidade do encontro pessoal com Cristo, de fazer oração pessoal: «Só a partir da segurança da fé é que podemos ajudar os outros e também enfrentar as nossas próprias dificuldades. A oração é uma força

muito grande. S. Josemaria disse com plena convicção que na Obra a única arma que temos é a oração», disse.

Além disso, durante um período de descanso após o jantar, falou com profissionais ligados à universidade que lhe contaram histórias sobre os seus trabalhos num ambiente ameno e descontraído.

O sábado foi um grande dia: entre outras reuniões, o Prelado teve dois encontros com famílias provenientes de Aragão, Castellón, Valência e das Ilhas Baleares.

Tal como noutras ocasiões, o Prelado pediu orações pelo Papa Francisco, pela sua recuperação e por todas as preocupações da Igreja. Apresentou a proximidade da celebração do *Corpus Christi* como uma ocasião para refletir sobre a entrega de Deus por nós:

«Dá-me muita alegria estar aqui convosco. E a primeira coisa que me vem à mente é que amanhã é a grande festa de *Corpus Christi*. E, logicamente, como nos ensinou S. Josemaria, a Eucaristia é, tem de ser, o centro, a raiz da nossa vida espiritual, da nossa vida, portanto. É necessariamente raiz porque é de onde provém toda a força de Deus para nós, o que torna possível que a nossa oração seja eficaz. É um mistério de amor, como gostava de dizer S. Josemaria; de fé e de amor, porque é amor de Deus por nós. E é um mistério de fé para nós, porque temos de ter muita fé. Crer firmemente neste grande modo de amor de Deus, que é a Eucaristia. É raiz, mas tem de ser também centro. E isso já depende mais de nós, de que façamos realmente o esforço de centrar a nossa vida espiritual à volta da Eucaristia, à volta da força que tem o sacrifício de Cristo».

Os participantes acolheram o Prelado com grande afeto e, apesar do número de pessoas reunidas, confidenciaram-lhe as suas preocupações num ambiente familiar. Foram abordados temas como o apostolado apesar das dificuldades do ambiente, a dor pelo sofrimento da morte de um filho, o desejo de viver bem a vocação a que cada um foi chamado, a intensidade de um trabalho que dificulta o cumprimento das nossas obrigações familiares, o envolvimento dos pais na educação dos filhos... Em muitas destas intervenções, Mons. Fernando Ocáriz aproveitou para recordar a necessidade de confiar em Deus, que tanto nos ama, de ver o sofrimento olhando para a cruz de Cristo, e de aceitar com total liberdade essa entrega máxima.

A Elena e Nacho, um jovem par que se casará em breve e que sente um certo temor diante desta mudança de

vida, recordou as palavras de S. Josemaria: “aquele que tem medo não sabe amar”, animando-os a vencer o temor com mais amor.

Estrella, que trabalha num tribunal de violência contra a mulher, transmitiu-lhe a dor e o sofrimento que vê diariamente e perguntou-lhe como acompanhar cada pessoa que sofre. O Prelado respondeu-lhe que «Deus não é indiferente ao mal e, portanto, perante o mal que vemos no mundo, devemos rezar pelas pessoas, e não nos acostumarmos». Incentivou-a também a ajudá-las, para além do estritamente profissional, na medida em que a sua posição o permita.

Um tema que esteve presente em muitas das tertúlias com o Prelado foi a amizade: «A amizade tem um valor em si mesma, e quando é um valor autêntico, é já um apostolado», disse numa das suas intervenções

Os cooperadores da Obra sentiram-se especialmente interpelados depois da pergunta de Jorge, que desde há 30 anos colabora nos apostolados da Obra. Mons. Fernando Ocáriz recordou-lhes a necessidade desse apoio e a alegria que supõe esse sacrifício.

Amparo perguntou como é que podemos aprender a perdoar. O Prelado respondeu referindo-se a umas palavras de S. Josemaria que dizia que a coisa mais divina da nossa vida é perdoar a quem nos causou dano. E continuou: «Como é que podemos perdoar quando nos sentimos ofendidos ou feridos por alguém? Amando. E como é que podemos amar as pessoas? A partir do coração de Jesus Cristo, vendo os outros como alguém por quem Cristo deu a vida. E depois também pedindo perdão. Pedir perdão é estupendo, e além disso, traz alegria. Não humilha, pelo contrário, dá alegria».

Entre um acontecimento e outro, o Prelado pôde cumprimentar algumas famílias, ouvir e partilhar as suas alegrias e penas. No domingo, deslocar-se-á a Múrcia para estar com os seus filhos e filhas dessa cidade e também de Albacete, Alicante, Elche e Cartagena.

Múrcia, 11 de junho

Se Múrcia na primavera brilha de forma especial, a visita do Prelado de ontem, domingo, acrescentou muitas mais cores e matizes. Por toda a casa de *Casón de la Vega* – onde ocorreram as tertúlias e os encontros – flui essa alegria que trazem as boas reuniões de família.

Uma sala a abarrotar e um intenso aplauso acolhem o Prelado para a primeira tertúlia. Inma e Javier dão as boas vindas a Mons. Fernando

Ocáriz da parte de todos os presentes. Depois das suas palavras, soa na boca de Rafa, o *Bolero a Múrcia*, uma canção que fala da horta, de Múrcia e da Virgem da *Fuensanta*. Se as terras murcianas parecem um Éden – como canta a letra desta canção – mais que nunca, hoje é uma festa.

Juan Carlos, de Cartagena, conta que, na sua família, costumam utilizar muito a expressão “*Qué bien estamos!*”, como uma maneira de dar graças a Deus e como expressão de abandono. Mas há dois anos viveram a doença da sua mulher – um cancro – e do seu filho Javier, de 7 anos – uma leucemia –. Quando contaram à criança aquilo por que teria de passar, decidiu oferecer tudo pelos sacerdotes; e agora, recuperado, dá um emotivo abraço ao Prelado com um grande carinho.

Pilar e Carlos são supranumerários, de Elche, e trabalham como médicos em prisões. Perguntaram a Mons. Fernando Ocariz como poderiam através da sua profissão redescobrir e amar mais essas pessoas que estão em situações tão difíceis. O Prelado animou-os a verem-nos não só como pessoas com dignidade, mas como criaturas de Deus, a quem Deus ama, e fomentar com elas – na medida do possível – uma certa amizade: «Ver essas pessoas como alguém a quem o Senhor ama e a quem os está a amar também através do teu carinho. Na medida em que seja oportuno, fá-las compreender também a elas que não estão sós, que Deus as ama. Para a frente: é um trabalho duro mas profundamente humano e profundamente cristão, também.

Em seguida Manolo pergunta como ter o mesmo entusiasmo que tinha S. Josemaria para pôr em andamento projetos que humanamente nos

superam. Mons. Fernando Ocáriz recordou as palavras que o fundador do Opus dei repetia em muitas ocasiões: «Meus filhos, se eu, quando o Senhor me fez ver a Obra no ano 28, com a idade que tinha, sem meios, se eu tivesse dito não posso, onde estaríeis vós». O Prelado animou os presentes a enfrentar as dificuldades e a pedir ajuda a outros, porque ser generosos proporciona uma grande felicidade, ainda que às vezes possa custar esforço.

Ao terminar, depois da bênção, despediu-se animando todos os presentes a estarem «contentes, aconteça o que acontecer porque Deus está connosco».

À tarde, às cinco e meia, volta a encher-se o mesmo lugar. Pablo e Lola transmitem ao Prelado o afeto em nome de todos e dão-lhe as boas-vindas. Contam-lhe que todos os presentes gostariam de o receber nas

suas casas, da forma que os murcianos recebem um pai: com as portas de casa bem abertas, uma boa mesa posta e sem que faltem os *paparajotes*, um doce típico da zona.

Pepe dedicou-se durante muitos anos à canção de modo profissionalmente. Conta ao Prelado que atualmente fá-lo de uma forma altruísta, num lar de idosos em Cartagena e na UCI do hospital de Santa Lucia. Agora é a voz de Pepe a que arrancam com a canção “Três vezes *guapa*“ que quer dedicar a Nossa Senhora e que anima todos cantar em coro o refrão.

O carinho de todos manifestou-se com diversos presentes: Vicky e o seu marido, que trabalham no ramo da cutelaria, trouxeram-lhe uma navalha realizada por eles próprios, porque em Albacete, oferecer uma navalha como presente é manifestação de amizade e afeto. Também de Albacete, Miguel, que

tem uma oficina de automóveis, fez um divertido truque de magia diante de todos os presentes. Duas sócias da Associação Juvenil Albedaya entregaram-lhe um cartão de sócio honorário. Um grupo de pais convidou-o a formar parte da sua equipa de futebol entregando-lhe a camisola do clube.

Carmen pediu-lhe Conselho para que o cansaço não nos leve ao mau humor e para que, deixando-nos levar, não tratemos mal a quem mais amamos. O Prelado animou a que, para além de procurar descansar o suficiente e de pôr meios humanos, recorresse à ajuda do Senhor.

«Quando estamos preocupados, cansados, esforçarmo-nos por sorrir para fazer a vida agradável a outra pessoa pode, por vezes, exigir um grande esforço. Mas é um esforço que podemos fazer por afeto a essa pessoa e também para oferecer esse esforço ao Senhor como sacrifício».

Por ocasião da pergunta de Asun, Mons. Fernando Ocáriz animou-nos a refletir sobre a cena do Evangelho em que Jesus Cristo encontra-se com a samaritana. «O Senhor responde-lhe de um modo que nos calha muito bem a todos. Diz-lhe: se tu conhecesses o dom de Deus e quem é que te pede de beber... Tudo aquilo que Deus nos pede, ainda que aparentemente pareça um sacrifício, ainda que humanamente suponha um esforço, uma renúncia, na realidade é um enorme dom de Deus». E comentou que qualquer que seja a vocação, se Deus a pede, é um grande dom para a pessoa e também para a família.

Especialmente emotivas foram as últimas palavras deste encontro familiar: «Dá-me muita alegria estar em Múrcia, apesar de ter sido tão pouquinho tempo, e é tão pouquinho tempo que, se a vida me der oportunidade, procurarei voltar».

Regressou a Valência após uma intensa jornada. Em *La Lloma* esperava-lhe uma surpresa que acabou por não poder realizar-se por causa da chuva: os valencianos queriam agradecer ao Prelado a sua estadia, recordando os fogos-de-artifício que lançaram na catequese que realizou S. Josemaria em 1972 nesta cidade. Não foi possível que do terraço de *La Lloma* Mons. Fernando Ocáriz visse estampadas no céu as palavras “*Viva el Padre!*” num espetáculo de cor e cheiro a pólvora. Mas esta chuva inesperada foi um símbolo da chuva de graça, paz e alegria que a estadia do Prelado deixou em Valência e em Múrcia.
